

**DISPUTAS LINGUÍSTICAS E IDEOLÓGICAS NO FACEBOOK  
ACERCA DA VARIAÇÃO DO USO LINGUÍSTICO  
À LUZ DE BOURDIEU E BAKHTIN**

Marcello Riella Benites (UFRJ/UENF)

[marcellobenites@gmail.com](mailto:marcellobenites@gmail.com)

Sérgio Arruda de Moura (UFRJ/UENF)

Eliana Crispim França Luquetti (UFRJ/UENF)

[elinaff@gmail.com](mailto:elinaff@gmail.com)

**RESUMO**

O presente trabalho tem o objetivo de discutir – a partir de um arcabouço teórico baseado em Pierre Bourdieu e Mikhail Bakhtin – aspectos ideológicos das opiniões de internautas expressas na rede social *Facebook* acerca de determinadas práticas linguísticas. Numa sondagem realizada nessa rede sobre o uso anafórico dos pronomes do caso reto ou oblíquo, na terceira pessoa do singular, em suas variações “cultas” (mais prestigiosa) e não padrão (por exemplo: “jogá-la fora”; “jogar ela fora”, respectivamente), os participantes revelam suas posições ideológicas. Reflexões dos referidos autores vão ser apresentadas e, em seguida, as respostas dos internautas serão comentadas de modo a ilustrar a teoria.

**Palavras-chave:** Variação. Uso linguístico. Ideologia.

**1. Introdução**

Num debate entre internautas da rede social *Facebook*<sup>98</sup>, vamos observar os aspectos ideológicos que ilustram teorias linguísticas, particularmente, numa abordagem da língua como prática social. Para delimitação de um recorte teórico, privilegiaremos as reflexões de Pierre Bourdieu, em *A Economia das Trocas Linguísticas* (1998), e Mikhail Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), também recorrendo a comentadores. O diálogo no *Facebook* surgiu a partir de uma consulta<sup>99</sup>

---

<sup>98</sup> Vale observar que nosso estudo não é sobre a escrita dos internautas no *Facebook* e, sim, sobre os aspectos ideológicos de suas posições expressas nessa rede social acerca dos usos linguísticos (falares) padrão e não padrão.

<sup>99</sup> O post da sondagem foi feito na noite de 16 de dezembro de 2013, proposto para os cerca de 700 amigos (ver nota de rodapé nº 6) da página pessoal de um dos autores do presente artigo na referida rede social. A postagem recebeu 11 comentários e cinco curtidas (manifestações de incentivo típicas do *Facebook*) ainda naquela noite e também na manhã seguinte. Desses comentários, dez são analisados no presente trabalho. A seguir, o texto (editado) que solicitava exemplos de usos pronominais anafóricos padrão ou não padrão, mas que, em vez dessa resposta, resultou nas manifestações ideológicas as quais se tomaram, então, nosso objeto de análise: Queridos amigos e amigas

que realizamos nessa rede sobre o uso anafórico<sup>100</sup> do pronome pessoal ou oblíquo, na terceira pessoa, após o verbo em diferentes extratos sociais e etários.

Havíamos observado, entre falantes que dominam a norma culta, o uso proposital do pronome pessoal (ao se falar de uma panela velha, por exemplo: “*vou jogar ela fora*”). Nossa hipótese seria a de que esses falantes utilizam a variação menos prestigiada (“jogar ela”) para identificar-se/gerar solidariedade com públicos que não dominam a gramática normativa. Vemos aí também a possibilidade de tratar-se de “estratégias de condescendência”, que consistem em “tirar proveito da relação de forças objetiva entre línguas que se encontram praticamente confrontadas (...) no próprio ato de negar simbolicamente tal relação, isto é, a hierarquia entre essas línguas e seus respectivos falantes” (BOURDIEU, 1998, p. 55). São estratégias que, portanto, até mesmo ocultariam o reforço à posição de prestígio desses falantes. Tal movimento demonstraria uma superioridade dos mesmos na habilidade aparentemente natural de manejar as duas variações. Segundo o autor, “os burgueses ou intelectuais” podem

associar um manejo desenvolto e a ignorância soberana das regras minuciosas à exibição de segurança nos terrenos mais perigosos. *Introduzir (...) a facilidade quando em geral se costuma exibir empenho, ou então injetar a desenvoltura na tensão que marca toda a diferença* em relação a formas pequeno-burguesas ou populares da tensão e da desenvoltura, *são algumas das estratégias* (no mais das vezes inconscientes) *de distinção* que dão lugar a lances infinitos, em meio a reviravoltas incessantes do pró e do contra, feitas exatamente para desencorajar a busca de propriedades não relacionais dos estilos linguísticos (BOURDIEU, 1982, p. 51, grifos nossos).

---

(...) estou fazendo uma pesquisa e gostaria de saber se vcs poderiam me ajudar com exemplos. (...) Trata-se do uso dos pronomes em anáfora, por exemplo, uma panela que se quer joga fora, quando já se mencionou a palavra panela: “Vou jogá-la fora” e “Vou jogar ela fora”. Tenho percebido pessoas que dominam a gramática normativa, intelectuais, por exemplo, usarem “jogar ela fora”, para se aproximarem de grupos com os quais se relacionam e que prefeririam essa forma, por exemplo, adolescentes. E tenho percebido que crianças, devido à escolarização, estariam começando a usar a norma culta: “Vou jogá-la fora”. Vocês, caso tenham visto ocorrências a esse respeito, poderiam me informar?

<sup>100</sup> “*Na anáfora pronominal*, o anaforizado é uma sequência linguística (sintagma) e o anafórico é um pronome: ‘Paulo estava com frio. *Ele* tinha esquecido de colocar a blusa’. Usualmente, considera-se que certos pronomes, denominados *representantes*, retomam um grupo nominal antecedente. (...) o pronome tem por função assegurar uma *continuidade referencial*” (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2012, p. 237). No nosso caso, a continuidade é garantida pelo pronome no caso oblíquo (“jogá-la”) ou no caso reto (“jogar ela”).

Entendemos que tais estratégias desencorajariam a busca da fonte dessa “superioridade” onde ela realmente está, ou seja, nas relações de dominação entre estilos linguísticos. Gerariam, assim, uma opacidade que faria crer serem “naturais” – e, frisamos, não resultantes de um processo de dominação linguística – essas qualidades dos falantes da norma de prestígio, dita “culta”.

Havíamos observado também crianças que começam a utilizar o pronome oblíquo (“*Jogá-la fora*”)<sup>101</sup>. Para este caso, supúnhamos que a escolarização ou o exemplo de adultos em casa ocasionasse o uso do pronome oblíquo por parte das crianças. Supomos também que os processos de escolarização podem estar sendo bem-sucedidos em integrar as crianças em uma variante oficial (“jogá-la”); e, ainda, que tal sucesso ocorreria, na maioria das vezes, quando realizado com a eficácia das melhores escolas – em geral, as particulares, frequentadas por crianças das classes dominantes – e o apoio do exemplo e uso da norma de prestígio em família.

Perguntamos, então, aos *amigos*<sup>102</sup> do *Facebook*, se eles também teriam notícias de ocorrências dos dois tipos de uso anafórico dos pronomes na terceira pessoa. As respostas nada confirmaram objetivamente, porém, forneceram um rico material para o estudo das disputas que se travam em torno da prática linguística no Brasil. Passaremos agora a apresentar as afirmações dos mencionados autores e de seus comentadores sobre disputas linguísticas e ideológicas, e que acreditamos serem ilustradas pelos depoimentos colhidos na *web*.

## 2. *Estratégias linguísticas*

Percebemos nos *amigos* do *Facebook* uma preocupação com a “pureza linguística”, que pode denotar a estratégia latente de manter-se ou penetrar ou parecer estar em campos – de prestígio social – cujo acesso é bem delimitado. Pierre Bourdieu (1998) apresenta como, a partir da Revolução Francesa, construiu-se a ideia do francês falado em Paris pe-

---

<sup>101</sup> Observamos ocorrências espontâneas do fato, em duas crianças, um menino de nove anos e uma menina de 12, irmãos, estudantes de uma escola particular, pertencentes a uma família com renda de aproximadamente 12,5 salários mínimos (salário de R\$ 724,00, pago no Estado do Rio de Janeiro, em fevereiro de 2014).

<sup>102</sup> Como se sabe, assim são chamados os seguidores dos usuários dessa rede social.

los intelectuais e burgueses como língua-padrão, eleita em detrimento – o autor fala em “destruição” – de outros dialetos regionais. Por analogia, pode inferir-se o que ocorreu/ocorre em outros países no processo de discriminação contra as variantes linguísticas não padrão, e na obra de imposição do que vem a ser o “falar corretamente”, ou seja, a abstração que o senso comum chama de “língua pura”.

(...) o papel mais determinante na desvalorização dos dialetos e na instauração da nova hierarquia dos usos linguísticos é exercido pela relação dialética entre a escola e o mercado de trabalho (...). Para fazer com que os detentores de competências linguísticas dominadas colaborassem com a destruição de seus instrumentos de expressão, esforçando-se, por exemplo, por falar “francês” diante dos filhos ou exigindo que eles falassem “francês” em casa, no intuito mais ou menos explícito de ampliar o seu valor no mercado escolar, era preciso que a escola fosse percebida como o principal ou mesmo o único meio de acesso a postos administrativos tanto mais cobiçados quanto mais fraca fosse a industrialização (BOURDIEU, 1998, p. 36).

E a situação acima tem continuidade e é representada “nos ambientes institucionais pelos certificados, pelo treinamento especializado, pela seleção competitiva, pelas exclusões ou inclusões de classe e pelos recursos econômicos ou simbólicos” (HANKS, 2008, p. 46). Percebe-se que em vários desses itens ou processos pode ser incluída a cobrança do uso da norma padrão.

Mencionando a gramática tradicional e a ocorrência de variantes não padrão, Hanks (2008, p. 49), citando Bourdieu, as relaciona com as disputas linguísticas dos indivíduos para manter-se em/passar a integrar campos de prestígio. É suposto socialmente e, em consequência, imposto, que o código da gramática normativa seja integralmente compartilhado pelos falantes, sendo esta espécie de *comunhão* uma condição para que as pessoas se compreendam. Tal unidade linguística, entretanto, é apenas uma aparência. Ela é forjada num processo histórico de unificação/padronização, liderado por agentes representantes dos setores dominantes, e que se produz pela eliminação de variantes não padrão.

No caso da nossa sondagem sobre a variante não padrão (“jogar ela”), mesmo se não foi possível verificar exemplos das ocorrências supostas, pode-se inferir, com relativa tranquilidade, ao menos certa eficácia da escola – como já dissemos, restrita às instituições de setores economicamente mais elevados da classe média – em inculcar nas crianças o uso da variante oficial (“jogá-la”), reduzindo as ocorrências da variante não padrão (“jogar ela”).

Em nosso entender, a redução no uso de uma variante não padrão

contribui, se não para eliminá-la, para relegar os que a usam a níveis de menor prestígio social. Ao mesmo tempo, o sucesso da integração de crianças das classes de maior renda na variante oficial pavimentou o caminho, forja o *habitus*<sup>103</sup> para que essas crianças comecem a garantir seus postos nos campos de prestígio social. E estar à margem desse processo gera nas pessoas dos setores dominados da sociedade o que Bourdieu chega a chamar de “um esforço desesperado para alcançar a correção”.

O reconhecimento extorquido por esta violência tão invisível quanto silenciosa se exprime através das declarações expressas (...). Tal reconhecimento se evidencia com particular força através de todas as coerções, pontuais ou duradouras, a que os dominados submetem, num esforço desesperado para alcançar a correção, consciente ou inconscientemente, os aspectos estigmatizados de sua pronúncia, de seu léxico (com todas as formas de eufemismo) e de sua sintaxe, ou então, na confusão que os faz “ficarem sem ação”, tornando-os incapazes de “encontrar suas palavras”, como se ficassem de repente *expropriados de sua própria língua* (BOURDIEU, 1998, p. 39. Grifos nossos)

Percebemos que é o que ocorre com alguns dos participantes de nossa sondagem sentindo-se sempre pressionados para adotar o uso da norma culta em detrimento das variações não padrão, de menor prestígio social. Eles não se enquadrariam como integrantes dos setores sociais dominados, mas esse dado, ao invés de retirá-los da influência do fenômeno detectado pelo sociólogo francês, mostra como essa influência é transversal na sociedade.

Num processo que ocorre inconscientemente – é o que também nos confirma o teor das postagens no *Facebook* –, a predominância de um determinado estilo é definida pela dominação social. Isso porque os sistemas simbólicos se originam das diferenças de poder e reforçam essas diferenças. Nos atos de fala, as pessoas participam de uma espécie de cumplicidade, em meio a difusas relações de poder, não importando tanto se suas intenções ou objetivos conscientes são conflitantes ou não (HANKS, 2008, p. 53).

## **2.1. Língua, mercado e profissões**

E como seria natural numa pesquisa em rede social sobre o uso da

---

<sup>103</sup> Quanto ao conhecido conceito cunhado por Bourdieu, segundo BARROS FILHO E SÁ MARTINO (2003), a noção de *habitus*, como “saber prático incorporado” e instrumento estratégico subjacente às disputas sociais, começa a ganhar seus contornos definitivos a partir do lançamento da obra *Esquisse d'une théorie de la pratique*, em 1971.

língua, um tema que envolve particularmente os educadores, nossa interação no *Facebook* acabou atraindo profissionais da educação que deixaram transparecer em seus pronunciamentos a maneira como o sistema de ensino se presta a preparar os indivíduos, das classes dominantes ou subordinadas, a aceitar/legitimar os próprios papéis no processo referido abaixo por Hanks:

*A doxa do senso comum com respeito à correção, à elegância, à clareza ou à eficácia na fala esconde o que é mais especificamente visto como o valor de mercado dos estilos de fala com relação à língua dominante. (...) o que é valorizado é o que atende às demandas do campo, assim como o produtor mais eficaz é aquele que está melhor sintonizado ao campo. (...) o sucesso escolar depende não de uma capacidade individual, como frequentemente se diz, mas de um resultado seletivo por meio do qual os alunos bem-sucedidos vêm de um meio social em que o sistema educacional é elaborado para legitimar (Ibidem, p. 55).*

Também no contexto da variação linguística, e igualmente citando Bourdieu, Calvet (2002, p. 107) afirma que a troca linguística é uma troca econômica estabelecida em relações de forças simbólicas entre produtores/detentores do capital linguístico e consumidores. Esses consumidores constituiriam um verdadeiro mercado linguístico, enquanto, por sua vez, tais relações, analogamente às relações econômicas, visam a “certo lucro material ou simbólico”.

Mais uma vez, as profissões dos *amigos* que responderam à consulta chamam a nossa atenção. Entre eles, quatro são professoras, um é jornalista e outra é publicitária, categorias profissionais que lidam de forma econômica com a palavra, ou seja, a têm como ferramenta de trabalho e dela extraem seu sustento. Porém, mesmo em outras profissões observa-se que a língua é um capital simbólico e um recurso econômico, no sentido de que de seu uso estratégico depende tantas vezes o sucesso profissional.

## **2.2. Língua e ideologia**

Lançando mão de Bakhtin (2006) para enriquecer o arcabouço teórico a partir do qual investigamos a disputa acerca da prática linguística travada na sondagem virtual, lembramos que o autor russo frisa o teor ideológico subjacente à palavra. Para ele, a ideologia presente na palavra do cotidiano é tão determinante quanto aquela presente na ideologia oficial. Numa alusão à nossa pesquisa, o uso “jogar ela” estaria para a palavra presente no cotidiano como o uso “jogá-la” estaria para a ideologia

oficial. Na introdução de *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN, 2006), Marina Yaguello afirma:

[A palavra] registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a “ideologia do cotidiano” que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas (In: BAKHTIN, 2006, p. 17).

E o próprio Bakhtin confirma e aprofunda a relação entre palavra e ideologia presente em tudo o que fazemos. “A ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência” (BAKHTIN, 2006, p. 121).

Segundo o estudioso, a palavra possui propriedades, tais quais a pureza semiótica; a implicação na comunicação cotidiana; a possibilidade de interiorização; e a presença obrigatória em todo o ato consciente, que fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias (Bakhtin, 2006, p. 36). A seguir, vemos como ele define a natureza ideológica da palavra:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (BAKHTIN, 2006, p. 34).

Talvez não fosse necessário provar que as redes sociais veiculam a ideologia dos usuários, mas certamente é útil verificar que ela se manifesta nos *posts* com toda a sua força, bem como sempre se manifestou em todos os atos de fala nas mais corriqueiras ocasiões, também quando as redes sociais não envolviam tecnologia virtual, como descreve o filósofo soviético na sua obra publicada em 1929 (os grifos em negrito são nossos):

A psicologia do corpo social é justamente o meio ambiente inicial dos *atos de fala* de toda espécie, e é neste elemento que se acham submersas todas as formas e aspectos da criação ideológica ininterrupta: *as conversas de corredor, as trocas de opinião no teatro e, no concerto, nas diferentes reuniões sociais, as trocas puramente fortuitas, o modo de reação verbal face às realidades da vida e aos acontecimentos do dia-a-dia*, o discurso interior e a consciência autorreferente, a regulamentação social etc. A psicologia do corpo social se manifesta essencialmente nos mais diversos aspectos da “enunciação” sob a forma de *diferentes modos de discurso*, sejam eles interiores ou exteriores. (...) Todas estas manifestações verbais estão, por certo, ligadas aos demais tipos de manifestação e de interação de natureza semiótica, à mímica, à linguagem gestual, aos gestos condicionados etc. (BAKHTIN, 2006, p. 41)

### 2.3. Variação linguística na literatura

Um dos depoimentos da consulta virtual foi marcante pelo forte teor ideológico. A referida postagem, que reproduziremos mais adiante com os demais *posts*, proporciona reflexão por tratar-se de uma metáfora apocalíptica sobre mudanças linguísticas. Irônico, o internauta afirma: “Estamos no limiar de uma nova língua, o português vulgar...”. Lembra-mo-nos de que metáforas do tipo podem muito bem – por que não? – encontrar inspiração na literatura. Por exemplo, em Garcia Márquez ou Jonathan Swift, são utilizadas para descrever a perplexidade dos dois escritores quanto a situações linguísticas peculiares às quais eles atribuem, com a ironia de sua genialidade, um estado de incomunicabilidade. Swift, em *As viagens de Gulliver*, parece incomodar-se com as mudanças na língua:

O idioma deste país sempre se baseou na novidade<sup>104</sup> e, assim, os *struldbruggs* de certa idade não compreendem boa parte do que os *struldbruggs* mais novos falam. Aliás, depois de duzentos anos não conseguem mais manter nenhuma conversa (a não ser trocar algumas poucas palavras comuns) com seus vizinhos mortais, e assim têm a desvantagem de viver como estrangeiros em seu próprio país (SWIFT, 2003, p. 255).

Vale a pena lembrar a preocupação de Márquez com o esquecimento dos “valores da palavra escrita”, em *Cem anos de solidão*, no episódio da doença da insônia, que afetava a memória dos habitantes de Macondo e fazia com que eles esquecessem as denominações das coisas, tendo que colocar, nestas, placas que lembrassem seus nomes:

O leiteiro que [Arcádio Buendia] pendurou no cachaço da vaca era uma amostra exemplar da forma pela qual os habitantes de Macondo estavam dispostos a lutar contra o esquecimento: *Esta é a vaca, tem-se que ordenhá-la todas as manhãs para que produza o leite, e o leite é preciso ferver para misturá-lo ao café (...)*. Assim, *continuaram vivendo numa realidade escorregadia, momentaneamente capturada pelas palavras, mas que haveria de fugir sem remédio quando esquecessem os valores da letra escrita.* (MÁRQUEZ, 1969, p. 48, grifos nossos)

E podemos aqui nos perguntar se esses dois exemplos, de Swift e Márquez, não demonstram um determinado papel que certos autores, especialmente os citados nos dicionários e gramáticas, cumprem como guardiões da norma de prestígio. A propósito, Bourdieu (1998, p. 45) afirma que os escritores – por meio das lutas que travam entre si em tor-

---

<sup>104</sup> No livro, uma nota do próprio Swift esclarece: “18. *novidade*: renovação, é uma língua viva.” (SWIFT, 2003, p. 416).

no da arte de escrever – contribuem para produzir tanto a “língua legítima, definida pela distância que a separa da língua *comum*” quanto a “crença em sua legitimidade”.

### 2.3.1. *Postagens no Facebook*

As respostas à nossa consulta no *Facebook*, como dissemos, pouco revelaram acerca da frequência e das motivações dos usos anafóricos de pronomes do caso reto ou oblíquo entre falantes dominantes ou não da norma culta. Elas estavam, porém, plenas da ideologia da qual, segundo Bakhtin, a palavra é prenhe.

### 2.3.2. *Pureza linguística?*

Nos cinco seguintes depoimentos<sup>105</sup>, por exemplo, é marcante a preocupação com a “pureza” da língua (“língua casta”), criticando “o uso exacerbado de palavras americanas”, ou como se “erros gramaticais”, que preferimos chamar variantes linguísticas, causassem até mesmo “dor” nos ouvidos – é o que está em um dos *posts* – dos que dominam/pensam que dominam e/ou dizem dominar a gramática normativa.

É forte o sentido de distinção – sentir-se diferente, superior aos que “falam errado” – e sentir-se com certa missão de “trabalhar a norma culta” no “diamante bruto” que é a “garotada”. Rejeita-se a abordagem da linguística contemporânea (“chamam de *língua viva* mas eu entendo como ignorância”). Há também a crítica aos que teriam tal missão, como os professores, e, no entanto “não se preocupam com o português”, dando “péssimo exemplo aos alunos”. Por outro lado, existe um certo senso de culpa por se deixar “contaminar pela informalidade” e acabar “falando errado”. Vamos às postagens divididas em três grupos:

### 2.3.3. *Rejeitando a variação*

#### 2.3.3.1. Susana

Para mim ainda soa muitíssimo mal usar o pronome do caso reto após o

---

<sup>105</sup> Os nomes são sempre fictícios e a revisão gramatical é a mínima necessária para evitar riscos de incompreensões na leitura dos depoimentos originais. As observações entre colchetes são nossas.

verbo. Acho que este tipo de hipótese como estudo é interessante, mas ao mesmo tempo reforça algo que tenho percebido: um enfraquecimento da nossa língua como por exemplo o uso exacerbado de palavras americanas em nosso vocabulário. (professora e dona de casa)

### 2.3.3.2. Arlete

Sou super, hiper, mega, criticada por falar certo. O que você está pesquisando é muito importante, chamam [a aceitação dos falares não normativos] de “língua viva” mas eu entendo como ignorância, a morte da língua casta justamente porque as pessoas não aprenderam o correto. Me dói os ouvidos e arrepia a alma não saber conjugar verbos, plural e a famosa linguagem da internet. (aposentada)

### 2.3.3.3. Cláudio

A Região Sudeste é o nicho do funk e do rap... a garotada vai para a escola com os já tradicionais vícios como o “pra mim chegar”, agora com incorporações como “é nós”, “as mina pira”... como trabalhar com a norma culta se o diamante é bruto? (jornalista)

### 2.3.3.4. Augusta

Olha, realmente vejo demais [o uso do caso reto após o verbo por pessoas que deveriam dominar a norma culta]. Inclusive os próprios professores, salvo algumas exceções, também estão adotando, ou por vício de linguagem ou porque não se preocupam com o português, dando péssimo exemplo aos alunos. (publicitária e funcionária pública)

### 2.3.3.5. Flávia

Eu sinto que estou “contaminada” com a informalidade para falar o português, e como professora, me sinto incomodada por me pegar falando errado. Tento me corrigir, mas acho que em nosso dia a dia encontramos tanta gente falando errado que assumimos o linguajar. (professora)

## 2.3.4. *Uso da língua, estratégia e contexto*

Diferentemente, dois outros depoimentos, o de uma psicanalista, e o de outra professora, mencionam ao seu modo a competência linguística para usar a variação estrategicamente, “dependendo do contexto” no qual se dão os atos de fala.

#### 2.3.4.1. Fernanda

Bom, eu diria que os nossos jovens com relação à gramática, eles não estão com a preocupação do emprego correto. Na verdade, percebo muito mais esta realidade na vida escolar. Para eles quanto mais *fast* melhor. Na vida cotidiana, sinto ser necessária a linguagem culta. Dependendo do contexto, esta poderá estar em menor grau de sua ação porque não estamos “obrigados” a tanta formalidade. Em algumas situações, pronunciamos a verbalização informal cometendo erro gramatical. Para alguns, o emprego formal causa uma certa antipatia, além de sentirem-se desconcertados. (psicanalista)

#### 2.3.4.2. Débora

Eu alfabetizo crianças com idades que vão de seis a nove anos. Vejo muito a repetição na mesma frase, por exemplo: “Vou pegar a panela e vou por a panela na mesa e depois a panela caiu”. Nessa etapa, é até normal que a criança fale (e escreva) repetidamente. Mas por aqui, mesmo com crianças pequenas, ouço muito professor falando “Peguei a panela e a porei sobre a mesa”. Talvez, penso eu, de propósito, porque tem criança que pergunta (como já ocorreu comigo) “professora, porque você fala assim?” e sendo assim, no meu caso, disse que essa era a forma correta, mas, que entre os amigos, podemos falar de outro jeito, porém, sem usar a mesma palavra repetidas vezes. (professora)

#### 2.3.5. *Aceitação e compreensão da variedade*

E em seguida, num terceiro grupo de respostas, encontra-se uma professora que partilha da compreensão da linguística moderna acerca da variação no uso da língua. Ela dialoga com um executivo de estatal, que concorda com essa visão, mas que dá mais importância aos fatos sociais que aos linguísticos. Esse internauta, por sua vez, debate com o aposentado já citado que mencionou o que chamamos de “metáfora apocalíptica” sobre variação linguística.

#### 2.3.5.1. Aline

A minha observação é outra [divergente daquela comum ao grupo com os cinco primeiros depoimentos que rejeitam a abordagem linguística]. E, como professora de língua, não vejo problema algum quanto à utilização do pronome reto como complemento do verbo em situação informal de comunicação. Agora, num contexto mais formal, ensino aos meus alunos que devem usar a norma padrão, ou seja, pronome oblíquo como complemento verbal. Assim, como afirma Bechara, eles aprendem a se tornar “políglotas na própria língua”. Acho que seria interessante você consultar a *Gramática do Português Falado*, ou a *Nova Gramática do Português Brasileiro*. Você se surpreenderá

com alguns usos. (Professora, mestre e doutora em letras, tendo escrito tese sobre letramento na *web* com pesquisa junto a estudantes do ensino fundamental)

### 2.3.5.2. José Carlos

A mudança da língua falada e escrita é um dos sintomas mais importantes de uma possível mudança cultural (no sentido das práticas sociais) e tudo está vindo numa velocidade muito rápida, com mudança de costumes, de valores, impregnados de um individualismo latente. Os linguistas e pessoas cultas devem estar se sentindo revoltados, afinal de quem é a culpa? das famílias? dos professores? pobres professores no meio de toda esta confusão ampliada pelo mundo virtual, mídias etc. A mim não incomoda; todo o contexto social sim, as mudanças são e serão muito grandes. O idioma oficial vai mudar numa velocidade bem mais lenta do que a língua falada, das mensagens praticadas nas redes sociais etc. (Executivo de estatal, graduado e mestre em administração de empresas)

### 2.3.5.3. Aline

José Carlos, o dinamismo é inerente a qq língua, e os linguistas não se sentem revoltados, ao contrário, fazem dessas mudanças seu objeto de estudo.

## 2.3.6. “Viés neoliberal”

### 2.3.6.1. Antônio Marcos

Estamos no limiar de uma nova língua, o Português Vulgar que, quem sabe, se poderá chamar de Lulês. A qual (o que significa "a qual", "cuja" etc.?) - tem estudiosos preocupados com isso) será a última língua falada nestas terras antes de o povo ficar completamente mudo. As últimas 3 palavras ouvidas na face do planeta serão: nice, caô e brô. Se eu não estiver desatualizado. (aposentado, ex-executivo de estatal)

### 2.3.6.2. José Carlos

Esclareceu bem Aline; estava me referindo mais aos defensores do idioma falado com correção. Antônio Marcos, eu estava sentindo falta das suas colocações, sempre demarcando bem suas posições. Apesar do seu viés neoliberal gosto das tuas provocações, abraço.

### 3. Conclusões

A partir de indícios de posições ideológicas de internautas acerca do uso linguístico manifestas em uma sondagem na rede social *Facebook*, identificamos na teoria de Bourdieu e Bakhtin elementos que explicavam essas posições à luz de teorias linguísticas. O uso anafórico do pronome nos casos reto ou oblíquo por falantes de diferentes extratos e idades desencadeou a sondagem mas não foi objeto central de nossa reflexão.

Um dos destaques foi o internauta que se posicionou com ironia, alto teor ideológico e claro tom político. Nós designamos essa participação como uma “metáfora apocalíptica” acerca da variedade linguística: uma previsão de que as variações conduziram a mudanças que levariam o “povo” a ficar “completamente mudo”. E também a relacionamos com metáforas parecidas em dois clássicos da literatura, encontrando na teoria a menção ao papel do escritor como guardião da norma culta.

Apesar de proveitoso, julgamos que o debate ficou limitado, por restringir-se, efetivamente, a pessoas com formação de nível superior e classe média/média alta, ficando de fora falantes de outros extratos sociais e idades.

Percebemos uma distinção dos participantes em três grupos: um deles rejeitando a variação não padrão e fazendo dessa uma estratégia de distinção/superioridade social; outro, aceitando essa variação intuitivamente com base em necessidades estratégicas de comunicação, na dependência do contexto social no qual o falante se encontra; e um terceiro grupo, apresentando a mesma aceitação, acrescida de uma maior consciência dos processos sociais e linguísticos de geração da variedade.

Também refletimos acerca da existência de estratégias, por parte de falantes que dominam a norma culta, de utilizar a variação não padrão para gerar identificação/solidariedade com públicos que aceitam melhor a variação do que a norma (como é o caso de profissionais que trabalham com adolescentes ou de professores com alunos jovens). No referencial teórico encontramos a evidência de que essas podem ser “estratégias de condescendência” que, na verdade, reforçam a dominação dos detentores do uso legítimo da língua.

O aprofundamento do referencial teórico, a observação das respostas à consulta virtual e a reflexão sobre o tema proposto reafirmaram ainda as nossas convicções acerca: da ideologia subjacente à palavra e,

consequentemente, às trocas linguísticas; do valor econômico presente nas trocas linguísticas; da constituição dessas trocas como verdadeiro mercado, no qual valores sociais são intercambiados (desvalorizados, supervalorizados ou equiparados), com conseqüências econômicas e resultados de dominância, submissão e equiparação); da inconsciência dos falantes sobre a ideologia que veiculam nos atos de fala; do papel escolar de forjar o *habitus* nos jovens falantes que deverão no futuro ocupar postos nos campos de prestígio social.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARROS FILHO, C.; SÁ MARTINO, L. M. *O habitus na comunicação*. São Paulo: Paulus, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 1998.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.
- HANKS, William F. *Língua como prática social: das relações entre língua e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.
- MARQUEZ, Gabriel G. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.
- SWIFT, Jonathan. *As viagens de Gulliver*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.